

# Santa Rosa de Lima: uma santa anoréxica na América Latina?

Cybelle Weinberg\*  
Táki Athanássios Cordás\*\*  
Patricia Albornoz Munoz\*\*\*

## APRESENTAÇÃO

A anorexia nervosa é um transtorno do comportamento alimentar que se desenvolve principalmente em meninas adolescentes e mulheres jovens. Caracteriza-se por uma grave restrição da ingestão alimentar, busca incessante pela magreza, distorção da imagem corporal e amenorréia.

O aumento significativo do número de pacientes com anorexia nervosa nas últimas décadas tem levado a pensar em uma verdadeira “epidemia” do transtorno e no

impacto dos fatores socioculturais no seu desencadeamento e manutenção, embora essa elevada prevalência talvez se deva, em parte, ao melhor reconhecimento e diagnóstico do quadro.

Embora as questões contemporâneas impliquem o biológico, o genético, e os aspectos psicológicos e familiares, ganham relevo as idéias sobre o papel da moda e sua influência na determinação da imagem corporal. Weinberg<sup>1</sup> afirma que a importância do papel da moda é discutível quando são analisados os registros de anorexia nervosa em outras épocas e culturas. As santas e beatas da Idade Média, com seus jejuns auto-impostos, perseguiam um ideal não de beleza, mas de ascese e de comunhão com Deus. Ou, ainda, faziam da recusa em alimentar-se uma forma de conservar a virgindade e opor-se a casamentos arranjados.

Além disso, a literatura especializada tem mostrado que é significativa a dificuldade em estabelecer com nitidez quais aspectos são culturais e quais são associados a uma característica mórbida invariável que definiriam o quadro clínico da anorexia nervosa.

---

\* Mestre em Ciências pela Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo. Colaboradora do Projeto Interdisciplinar de Atendimento, Ensino e Pesquisa dos Transtornos Alimentares na Infância e Adolescência do Ambulatório de Bulimia e Transtornos Alimentares (PROTAD-AMBULIM) do Instituto de Psiquiatria do HC-FMUSP. Coordenadora da Clínica de Estudos e Pesquisas em Psicanálise da Anorexia e Bulimia (CEPPAN).

\*\* Coordenador Geral do Ambulatório de Bulimia e Transtornos Alimentares (AMBULIM) do Instituto de Psiquiatria do HC-FMUSP. Professor da Pós-graduação e Membro do Departamento de Psiquiatria da Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo.

\*\*\* Residente de Psiquiatria. Universidad Peruana Cayetano Heredia. Instituto Nacional de Salud Mental Honorio Delgado- Hideyo Noguchi.

Trabalho realizado no Ambulatório de Bulimia e Transtornos Alimentares (AMBULIM) do Instituto de Psiquiatria do Hospital das Clínicas da FMUSP.

Apesar de considerada por muitos uma patologia contemporânea, há evidências de que a anorexia atual seria um contínuo de um tipo de comportamento inalterado através da história do Ocidente. Behar<sup>2</sup> e Fendrik<sup>3</sup> acreditam que, no passado, mesmo dentro de um contexto sociocultural diferente, principalmente na região européia, a doença sempre foi igual: restrição sistemática do alimento com risco grave da saúde e da própria vida.

É possível, então, estabelecer um paralelo entre as anoréxicas atuais e as santas jejuadoras medievais, como já discutimos anteriormente em relação às meninas cloróticas do século XIX<sup>4</sup>.

O diagnóstico de clorose, ou doença verde, fazia-se na presença de palidez, fraqueza, cansaço, irritabilidade, constipação, irregularidade menstrual e repulsa à comida, principalmente às carnes, além de um pronunciado emagrecimento. Descrita por Johannes Lange, em 1554, como “doença das virgens”, seria causada por uma “febre amorosa” e teria cura, segundo esse autor, com o casamento, o intercurso sexual e a maternidade. Após haver se constituído, no século XIX, em verdadeira epidemia entre as meninas na Inglaterra, na França e nos Estados Unidos, desapareceu completamente após 1920. Loundon<sup>5</sup>, entre outros autores, considera que a clorose e a anorexia nervosa sejam condições análogas de uma mesma psicopatologia.

Numa tentativa de explicação do verdadeiro surto de santas anoréxicas na Idade Média, Gamero<sup>6</sup> afirma que, com o advento do Cristianismo, houve uma substituição drástica dos deuses obesos, hedonistas, pelos cristos magros. Foram abandonadas as imagens gordas de divindades ancestrais, bem como o hábito dos grandes banquetes romanos seguidos de vômitos auto-induzidos. Nos primeiros anos da Idade Média, a glotonaria passou a ser sinônimo de impureza, a gula converteu-se num dos sete pecados capitais, e a rejeição aos alimentos foi eleita a penitência preferida para alcançar o estado de máxima espiritualidade. A busca da santidade, do puro, exigia privações do corpo. Mas o jejum imposto podia, também, trazer certas vantagens, de acordo com Liles & Woods<sup>7</sup>:

“Uma mulher podia usar o jejum religioso para negligenciar seus deveres e/ou exercer controle sobre outros, barganhar por abstinência sexual com seu marido, rejeitar um casamento indesejado ou rogar por membros da família. Santas jejuadoras podiam até passar por cima da autoridade dos homens da Igreja

com suas práticas religiosas austeras, criticar o poder secular ou as autoridades religiosas e assumir o papel de professoras, conselheiras ou reformadoras das regras da Igreja em seu benefício”.

Neste contexto, começaram a aparecer santas anoréxicas, como Santa Liduina, que, durante anos, alimentou-se só de um pedaço de maçã por dia, e Santa Wilgefortis (do latim *Virgo fortis*, “virgem forte”), a jovem filha do rei de Portugal, que rejeitava os alimentos oferecidos, fazia jejuns e vomitava o que era obrigada a ingerir, emagrecendo notoriamente e praticamente deixando-se morrer de fome. A presença de hirsutismo também é um fato relevante na sua história, ainda que, segundo a lenda, seu corpo tenha se coberto de pêlos e uma barba tenha crescido como resultado de suas orações, em que rogava a Deus que lhe apagasse a beleza.

Porém, segundo a literatura, foi na época em que Santa Catarina de Siena viveu que existiu uma verdadeira era da anorexia santa. Fendrik afirma que chegou a tal extremo o hábito de “nunca comer” entre as santas do século XIII, que os registros feitos pelos confessores surpreendem por constituírem verdadeiras histórias clínicas.

Ainda sobre o comportamento anoréxico das santas medievais, é da maior importância o trabalho desenvolvido por Rudolf Bell<sup>8</sup> sobre a vida de 250 mulheres santas ou beatas da Igreja Católica, desde o século XIII aos dias atuais, utilizando-se de escritos autobiográficos, cartas, testemunhos de confessores e relatos canônicos. Segundo Bell, entre as santas com suposto transtorno alimentar estariam Santa Catarina de Siena, Santa Colomba de Rieti, Santa Catarina de Gênova, Santa Verônica, Santa Maria Madalena de Pazzi e Santa Clara de Assis.

De acordo com as descrições de Behar, Santa Colomba de Rieti morreu por desnutrição severa auto-imposta e Santa Verônica não ingeria alimento algum, exceto às sextas-feiras, dia em que permitia-se mastigar cinco sementes de laranja em nome das cinco feridas de Jesus.

Em artigo sobre os hábitos alimentares de Maria Madalena de Pazzi, Cordás & Weinberg<sup>9</sup> afirmam que esta santa fazia jejuns severos e, quando forçada a comer, provocava vômitos. Considerava os alimentos como tentações do diabo, às quais deveria resistir, sendo, no entanto, freqüentemente surpreendida comendo, às escondidas, grandes quantidades de alimentos.

Weinberg<sup>10</sup> cita que Santa Catarina de

Siena só ingeria diariamente um molho feito de ervas, recorrendo aos vômitos para eliminar todo alimento ingerido à força. Com o objetivo de tornar-se feia e livrar-se, assim, de um possível casamento arranjado por sua mãe, aumentou os jejuns, as mortificações e cortou os cabelos muito curtos. A vida de Catarina tem sido muito estudada por especialistas em transtornos alimentares pelo interesse que seu quadro alimentar desperta. Gamero<sup>6</sup> transcreve a correspondência entre esta santa e seu confessor:

“Querido pai, agradeço-lhe por toda a santa dedicação e cuidado que o senhor mostra para com a minha alma, porque parece que o senhor preocupa-se muito quando escuta coisas sobre a minha vida. (...) o senhor escreveu-me aconselhando que eu peça a Deus que faça-me comer mais. E eu contesto-lhe pai, e digo-lhe em nome de Deus, que de todas as formas possíveis eu obrigo-me a ingerir algum alimento, uma ou duas vezes ao dia. (...) muitas vezes, enquanto fiz o que pede, olhei para mim mesma, para compreender a minha doença e a bondade de Deus, que por uma graça muito especial, permitiu-me corrigir o vício da glotonaria.”

Segundo Rampling<sup>11</sup>, a característica mais notória do ascetismo de Santa Catarina foi seu comportamento alimentar anormal. Raymond, seu confessor, citado por Rampling, lembra que:

“(...) Era um grande sofrimento para ela comer, mais do que seria para um faminto ficar sem comida. Ela usava os vômitos como reparação, e como não conseguia vomitar espontaneamente, costumava usar uma fina palha ou outro objeto que podia pôr na sua garganta e provocar o vômito. Seu confessor tentou persuadi-la que deixasse essa prática, mas ela continuava assegurando que isso agradava a Deus.”

Esta santa, provavelmente pela rigidez de seu ascetismo, entre outras razões, foi escolhida por outras tantas santas e beatas como modelo. Santa Madalena de Pazzi e Santa Rosa de Lima são os melhores exemplos de suas seguidoras. Por sua vez, Rosa de Lima, Catarina de Siena e Madalena de Pazzi, segundo Bell, teriam inspirado o comportamento de Santa Verônica Giuliani, outra grande jejuadora.

Santa Rosa de Lima, considerada a Patrona da América e das Filipinas, foi a primeira santa latino-americana a ser canonizada (1671) e ter sua obra difundida na Europa. O conhecimento de sua história é de grande importância, especialmente para

aqueles que se interessam pelas diversas formas que um transtorno alimentar pode assumir.

Ugarte<sup>12</sup>, autor de uma das biografias de Rosa, conta-nos que ela nasceu no dia 20 de abril de 1586, quando Lima comemorava cinquenta anos de sua fundação, durante o vice-reinado de Fernando Torres de Portugal. Filha de Don Gaspar Flores e de Dona Maria de Oliva, foi batizada como Isabel Flores de Oliva, mas recebeu o nome de Rosa no momento de sua Confirmação, em 1597, por ser assim chamada desde muito pequena, devido à sua formosura. Rosa não aceitava o apelido, até que aos 25 anos, tendo dito ao seu confessor o quanto lhe desagradava esse nome, ele respondeu-lhe: “Pois, filha, não é vossa alma como uma rosa em que se deleita Jesus Cristo?”. Esse comentário teria feito com que ela mudasse completamente de idéia e aceitasse o apelido. Ainda criança, Rosa passava muitas horas no altar, em oração, era escrupulosamente obediente e trabalhadora incansável, dedicando-se aos afazeres domésticos e sobressaindo-se pelos trabalhos manuais, principalmente com a agulha. Depois de ler sobre a vida de Santa Catarina de Siena, tomou-a por modelo, começando por jejuar três vezes por semana e aplicando-se severas penitências, fato que levou Bell a chamá-la de imitadora consciente. Além disso, para não ser tentada pela vaidade, cortou seu formoso cabelo (como fizera Catarina) e maltratava suas mãos com trabalhos penosos. Durante 10 anos lutou contra o propósito de seus pais de fazê-la casar-se, até que obteve o consentimento para que continuasse em sua vida de devoção a Deus. Quando o trabalho permitia, retirava-se para uma cabana construída por suas próprias mãos em seu pequeno jardim, e ali permanecia isolada, orando.

Aos 20 anos ingressou na Irmandade da Terceira Ordem da Penitência de São Domingos e reduplicou a severidade e a variedade das penitências. Usava constantemente uma coroa de espinhos de metal, que escondia sob uma fileira de rosas, e uma cinta de ferro na cintura. Podia permanecer dias seguidos sem provar qualquer alimento, salvo um pouco de mel misturado a ervas amargas. Quando já não podia manter-se em pé, buscava repouso numa cama construída por ela, de vidro picado, pedras e espinhos. Esse martírio ininterrupto, no entanto, era compensado, segundo ela, pelas freqüentes revelações de Jesus Cristo, que “inundavam sua alma de paz e alegria”.

Segundo Mujica<sup>13</sup>, a época em que Santa Rosa viveu foi um tempo convulsionado pela

renovação religiosa. Desde o final da Idade Média, as mulheres já vinham formando parte essencial de uma nova corrente de espiritualidade laica. Essas mulheres seculares que aceitavam o voto de pobreza, cultivavam a castidade e formas extremas de ascetismo penitencial e moravam em casas de retiro, ocupadas em trabalhos manuais, eram chamadas de beatas. Por terem se filiado a uma irmandade e, como Rosa, viverem afastadas do monastério, foram um dos alvos preferidos da Santa Inquisição.

Desde os 13 anos de idade, época em que seu pai fora encarregado da administração de uma mina de prata, Rosa conheceu de perto os sofrimentos dos índios mineiros. Daí alguns autores, entre eles Millones<sup>14</sup>, acreditarem numa provável relação entre o modo de vida de Santa Rosa e o mundo dos mineiros. A vida na mina era uma verdadeira escravidão. Os índios trabalhavam em condições sub-humanas, dia e noite, em dois turnos. Essa situação agravou-se a partir de 1600, quando houve a decisão de mantê-los encarcerados no subsolo de segunda a sábado, para que não perdessem tempo subindo e descendo os subterrâneos das minas. Por isso Millones opina que “provavelmente foi aquela vivência cotidiana dos sofrimentos dos trabalhadores índios que fez com que Santa Rosa de Lima tivesse essa grande preocupação por curar as doenças e sofrimentos daqueles que acreditavam em sua virtude”. E que “não seria possível entender a vida ascética de Santa Rosa se se renunciasse a situá-la no contexto da sua época, de opressão, servidão e escravidão.”

Gray<sup>15</sup> afirma que o ascetismo, combinado com uma preocupação social, muitas vezes oculta e aparentemente válida o comportamento anoréxico, como muitos séculos depois pôde ser visto na filósofa e ativista Simone Weil, judia convertida ao catolicismo e anoréxica.

## DISCUSSÃO

Rosa Behar, psiquiatra chilena, em seu artigo “*Santa Rosa de Lima: un análisis psicosocial de la anorexia nerviosa*”, descreve alguns aspectos importantes do comportamento desta santa e afirma encontrar evidências de que Santa Rosa de Lima se enquadra no diagnóstico atual de anorexia nervosa, ainda que, adverte ela, “descrever Santa Rosa como ‘apenas’ anoréxica seria cair em um mero reducionismo de desacreditar em sua especial qualidade e fervor místico”.

O comportamento alimentar de Santa Rosa

de Lima é considerado por Behar como típico de um quadro hoje diagnosticado como anorexia nervosa.

Desde os 10, 11 anos, Rosa já fazia jejuns todas as quartas, sextas e sábados, ingerindo um pouco de pão e água. Nos outros dias da semana, comia apenas uma refeição de batatas guisadas com folhas muito amargas. Aos 15 anos, fez a promessa de nunca mais comer carne e passar os demais dias de sua vida a pão e água, promessa que cumpriu até à morte. Em segundo lugar, Behar chama a atenção para o que sugere ser uma grande hiperatividade com diminuição voluntária progressiva das horas de sono e aumento das horas de trabalho. Rosa dormia somente de 2 a 3 horas por dia, passando o resto do tempo entre orações, trabalhos domésticos e serviços na horta, além de confortar os pobres e os enfermos. Behar aponta ainda para um padrão particular de personalidade, distinguível por sua ambição pelo aperfeiçoamento do espírito, negação de si mesma por meio da autopunição, rigidez, perseverança em seus ideais de santidade, preocupação e dedicação em aliviar os sofrimentos dos outros, além de seu pouco interesse pelos relacionamentos sociais e a rejeição ao sexo oposto. Distinguem-se, nos seus atos de penitência, a negação de seu amor próprio e a dor auto-imposta. O fato de poder vir a ser objeto de tentação para alguém consistiu para ela motivo de permanente preocupação. Por isso, continuamente produzia-se atos dolorosos, com o objetivo de eliminar (o que restava) de sua beleza física.

Ainda que Behar afirme que “não seria correto catalogar a anoréxica atual como santa nem Santa Rosa como anoréxica”, ela pensa que ambas “têm em comum o uso do alimento como uma via de expressão simbólica” e compartilham as mesmas características psicopatológicas, como o fato de não comer voluntariamente (uma pela santidade e outra pela delgadez); ambas parecem estar continuamente insatisfeitas em conseguir seus objetivos (a consagração divina e a magreza absoluta); a autocrítica; a falta de interesse pelos relacionamentos sociais e a dificuldade em aceitar os cuidados de outros, ainda que sejam cuidadosas com os demais; minimização das necessidades corporais, como dor, cansaço, desejo sexual e fome; mães dominantes e criadoras de vínculos contraditórios com suas filhas.

Poderíamos ainda acrescentar às considerações de Behar um fato que tem nos chamado a atenção: o comportamento imitativo

de Santa Rosa, freqüentemente encontrado nas jovens anoréxicas de hoje.

Rosa tomou Santa Catarina de Siena por modelo, seguindo-o fielmente. Usava o hábito branco de suas seguidoras, imitava-a nos jejuns e penitências, cortou os cabelos como Catarina o fizera para livrar-se de um casamento indesejado e preparou a fundação do monastério dominicano de Santa Catarina de Siena, em Lima, erguido logo após a sua morte.

Hilde Bruch<sup>16</sup> vincula esse tipo de comportamento, tão característico da anorexia nervosa, a déficits básicos do sentido de si mesmo, da identidade e do funcionamento autônomo. Jovens anoréxicas teriam tido dificuldade, ao longo de sua infância, de manifestarem seus desejos e sentimentos frente a pais que só levaram em conta as suas próprias necessidades. Assim, indivíduos com esse tipo de transtorno agem sempre em resposta à ordem de outros e não fazem nada do que querem. A percepção das experiências corporais é geralmente perturbada, o que faz com que não confiem em suas próprias sensações e sentimentos. São sujeitos que têm dificuldade em identificar seu próprio corpo, vendo-o como algo separado de si ou pertencente a seus pais. Para Bruch, a magreza da anoréxica não é uma expressão de força e independência, mas uma defesa contra o sentimento de não ter uma personalidade própria, de ser fraca e ineficaz.

Em seu livro *The Golden Cage*<sup>17</sup>, Bruch compara a anoréxica a uma lousa em branco, a ser preenchida com a personalidade de cada nova pessoa com quem se envolve, com aquilo que a amiga gosta ou quer fazer. Tanto que, para ela, esse tipo de comportamento imitativo poderia ser o responsável pelo rápido aumento da incidência da anorexia nos últimos anos. Essas meninas, que Bruch define em outro artigo<sup>18</sup> como “*me too*” anoréxicas, desenvolveram o transtorno após terem tido alguma informação sobre ele. Diferentemente daquelas anoréxicas que acreditavam estar realizando algum empreendimento positivo com sua doença e nunca tinham tido, antes, qualquer familiaridade com ela.

Seria, então, o caso de se usar esse mesmo argumento para explicar o verdadeiro surto de santas anoréxicas na Idade Média? Ou, ainda, do grande número de seguidoras de Santa Rosa, como as chamadas “*beatas iluminadas*”, mulheres que a imitavam e chegaram a ser perseguidas pela Inquisição, ou “*as rosas*”, fundadoras do Monastério de las Rosas de Lima?

## CONCLUSÃO

A existência de transtornos alimentares em outras culturas e séculos anteriores aos relatos de Morton (1689), Gull (1868) e Laségue (1874)<sup>19</sup> é de grande interesse psicopatológico, na medida em que coloca no centro da discussão a questão do patogenético e do patoplástico em psiquiatria e torna relativa a influência da modernidade, muitas vezes colocada como fator principal.

Patografias como as de Rosa de Lima oferecem não apenas provas da existência da doença em diferentes épocas, como o paralelismo de seu quadro com o das santas anoréxicas da Europa medieval salientam o caráter transcultural de seu quadro.

Em segundo lugar, em algumas jovens anoréxicas pode-se caracterizar um comportamento imitativo, influenciado e reforçado socialmente, como o provam tanto as seguidoras das santas jejuadoras de antigamente, como as de hoje, que tomam as *top models* como ideal de magreza. Ainda que as primeiras almejassem a comunhão eterna com Deus, enquanto que as últimas se contentem com a glória efêmera das passarelas.

Em terceiro lugar, traçar um paralelo entre as anoréxicas atuais, as meninas cloróticas do século XIX e as santas medievais levou-nos a perceber comportamentos que surpreendem pela proximidade, ainda que a forma e a motivação dos comportamentos restritivos tenham variado ao longo do tempo. Concordamos com Lacey<sup>20</sup> que, através dos séculos, os médicos se depararam com sinais e sintomas similares, mas suas interpretações e entendimento foram coloridos pelas crenças das sociedades em que viveram. As semelhanças no quadro – recusa deliberada de alimentos, emaciação, hiperatividade, amenorréia, perseguição de um ideal – levam-nos a pensar que a forma, o imutável, a essência da doença (o patogenético) não respeitaria os séculos, a personalidade ou a cultura, colocados no papel de acessório (o patoplástico).

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

1. Weinberg C. Avaliação crítica da evolução histórica do conceito de anorexia nervosa [dissertação]. São Paulo: FMUSP; 2004.
2. Behar R. Santa Rosa de Lima: un análisis psicosocial de la anorexia nerviosa. *Rev Psiquiatr Chil.* 1991;8:707-11.
3. Fendrik S. Santa anorexia. Buenos Aires: Corregidor; 1997.

- Cordás TA, Weinberg C. Clorose: a efêmera doença das virgens. Rev Psiq Clin. 2002;29(4):204-6.
- Loundon ISL. Clorosis, anemia and anorexia nervosa. Br Med J. 1980;281:1669-75.
- Gamero C. La insoportable levedad del nunca comer. Rev Vivat Acad Chil. 2002;6:37.
- Liles EG, Woods SC. Anorexia nervosa as viable behavior: extreme self-deprivation in historical context. Hist Psychiatry. 1999;10:205-25.
- Bell RM. Holy anorexia. Chicago: University of Chicago Press; 1985.
- Cordás T A, Weinberg C. Santas anoréxicas na história do ocidente: o caso de Santa Maria Madalena de Pazzi. Rev Bras Psiquiatr. 2002;24(3):157-8.
- Weinberg C. Vítimas da fome. In: Weinberg C, org. Geração delivery. São Paulo: Sá; 2001.
- Rampling D. Ascetic ideals and anorexia nervosa. J Psychiatr Res. 1985;19(2):89-94.
- Ugarte RV. La flor de Lima: Santa Rosa. Lima: Paulinas; 1994.
- Mujica R. Catalogo: Santa Rosa de Lima y su tiempo. Lima: Banco de Credito del Peru; 1995.
- Millones L. Una partecita del cielo. La vida de Santa Rosa de Lima narrada por Dn. Gonzalo de la Maza. Lima: Horizonte; 1995.
- Gray F. Simone Weil. London: Viking Press; 2001.
- Bruch H. Anorexia nervosa: therapy and theory. Am J Psychiatry. 1982;139(12):1531-8.
- Bruch H. The golden cage. The enigma of anorexia nervosa. Cambridge: Harvard University Press; 1978.
- Bruch H. Four decades of eating disorders. In: Garner DM, Garfinkel PE, eds. Handbook of psychotherapy for anorexia nervosa and bulimia. New York: Guilford; 1985.
- Silverman JA. History of anorexia nervosa. In: Browell KD, Fairburn CG. Eating disorders and obesity. New York: Guilford Press; 1995.
- Lacey JM. Anorexia nervosa and a bearded female saint. Br Med J. 1982;285:1816-7.

#### RESUMO

A literatura especializada tem nos mostrado que é grande a semelhança entre o comportamento alimentar das santas jejuadoras medievais e o das anoréxicas atuais. No entanto, há poucas referências sobre a existência de santas jejuadoras na América Latina. No presente trabalho, os autores salientam aspectos da vida de Santa Rosa de Lima, Patrona da América e Filipinas, que poderiam ser descritos como comportamentos anoréxicos. Comparando os aspectos psicopatológicos da vida de Santa Rosa com o comportamento das anoréxicas atuais, pareceu confirmar-se um padrão uniforme de comportamento, especialmente quanto ao aspecto imitativo, fator que poderia levar as jovens da atualidade a desenvolverem um transtorno alimentar após terem algum tipo de informação sobre o transtorno.

Descritores: Anorexia nervosa, anorexia santa, clorose, jejum.

#### ABSTRACT

The specialized literature has shown us the great similarity between the eating habits of medieval fasting women saints and today's anorexic women. Nonetheless, there are few references to the existence of such fasting women saints in Latin America. The authors of this paper present some aspects of the life of Saint Rose of Lima, the patroness of the Americas and the Philippines, that could be described as anorexic. The comparison between psychopathological aspects of Saint Rose's life and the behavior of today's anorexic women seemed to confirm a uniform behavioral pattern, particularly concerning the imitative aspect, which would lead modern young girls to develop eating disorders after they obtain some information on such disorders.

Keywords: Anorexia nervosa, holly anorexia, chlorosis, starvation.

Title: Saint Rose of Lima: an anorexic saint in Latin America?

#### RESUMEN

La literatura especializada nos muestra gran similitud entre el comportamiento alimentar de las santas de la edad media que ayunaban y el de las anoréxicas de la actualidad. Hay pocas informaciones sobre santas que practicaban ayuno en Latinoamérica. En este artículo, los autores resaltan aspectos de la vida de santa Rosa de Lima, Patrona de América y Filipinas, que pueden ser considerados como comportamientos anoréxicos. Al comparar aspectos psicopatológicos de la vida de santa Rosa con el comportamiento de anoréxicas de la actualidad, parece que se confirma un modelo uniforme de comportamiento, especialmente respecto al aspecto de imitación, hecho que podría llevar a las jóvenes de hoy a desarrollar un trastorno de la alimentación luego de recibir informaciones sobre el tema.

Palabras clave: Anorexia nerviosa, anorexia santa, clorosis, ayuno.

Título: Santa Rosa de Lima: ¿una santa anoréxica en Latinoamérica?

Correspondência:  
Cybelle Weinberg  
Rua João Moura, 476/102 - Jd. Paulista  
CEP 05412-001 – São Paulo – SP  
Fone: (11) 3081.7778  
E-mail: cybellew@uol.com.br

Copyright © Revista de Psiquiatria do Rio Grande do Sul – SPRS